

CHOQUE DE CULTURAS! MUNDO OCIDENTAL E COSMOLOGIA AMERÍNDIA: A FORMAÇÃO HUMANA E O COSMOLÓGICO EM DEBATE

Filipe Kamargo de Santana ¹
Raimundo Arlindo Baixa de Amorim- ²

RESUMO

O humanismo clássico e eurocêntrico, sustenta uma construção lógica de mundo que prevaleceu nas culturas ocidentais nos últimos séculos, que compõem, um diagnóstico autocentrado, egoíco, cientificista e mercadológico da vida e da existência (AGAMBEN, 2008; SLOTERDIJK, 2000; SANTOS, 2008). De certa forma, para o pensamento ocidental, o próprio humano é um ser a ser podado e domesticado, um tipo de ser para com o qual não se deve pensar em si, mas idealizar o seu ponto de chegada, seu objetivo final a ser alcançado. Tendo isso em mente, o perspectivismo ameríndio e as construções históricas, sociais, culturais e identitárias indígenas, defendidos por Eduardo Viveiros de Castro (Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio), aparecem aqui como um elemento capaz de descentrar a formação humana ocidental de suas atividades centralizadas em valores antropocêntricos, etnocêntricos e idealizadores de si, do outro e do mundo. Para demonstrar isso, o foco de discussão deste trabalho estará pautado em uma contraposição entre o perspectivismo e a reificação clássica nas interações ocidentais (como tematizado recentemente por HORNET, 2018), destacando a quase impossibilidade de coisificação dos povos ameríndios como uma clara superioridade teórica e filosófica frente a lógica eurocêntrica e ocidental reinante. Em outras palavras, o que defenderemos aqui, é uma inversão de lógicas, que desemboca em uma percepção de mundo onde, o mundo autocentrado europeu, não podendo de modo algum englobar os valores ameríndios em seu humanismo e proto-capitalismo, teve de tomar uma nova missão, organizou-se para erradicar. Para isso, é proposta uma leitura e análise hermenêutica de nossa bibliografia, uma leitura que visa captar o sentido contextual dos conceitos e conhecimentos, mas, que ao mesmo tempo a partir de sua compreensão e entendimento propõe embates, e interações que levem a sério o pensamento ameríndio frente aos elementos ocidentais.

Palavras-chave: Formação humana, Perspectivismo Ameríndio, Formação humana, Educação.

INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo vive cercado de novas utopias egoícas e endeusantes, elas se multiplicam a cada dia, e, se tornam cada vez mais influentes e poderosas junto as suas existências. O humanismo clássico e eurocêntrico, sustenta uma construção lógica de mundo que prevaleceu nas culturas ocidentais nos últimos séculos, portanto, sendo os elementos que compõem, um diagnóstico cientificista e mercadológico da vida e da existência. O ocidente

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. filipekamargo2016@live.com;

² Graduado em Licenciatura Plena em Matemática - Faculdades de Guarulhos – SP, Possui Especialização Latu Sensu em Ensino de Matemática Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - PE – FAINTVISA. professorraimundo2012@hotmail.com

construiu para si uma persona cuja característica histórica onde: “por trás do aparente triunfo do historicismo do século XIX se esconde na realidade uma radical negação da história em nome de um ideal de conhecimento moldado nas ciências naturais.” (AGAMBEN, p.118, 2008)

Ainda hoje esses elementos continuam a apresentar-se como melhor opção, ao emanar uma arrogância desproporcional, esquecendo das falhas e fragilidades com as quais as formas de pensamento e modo de vida ocidental se depararam no decorrer de sua história (SLOTERDIJK, 2000; SANTOS, 2008). Seguem-se as guerras, a exploração, as doenças, mesmo as que tem curas medicas, massacram populações pobres no mundo inteiro; o ocidente segue continuamente fundamentando determinadas práticas e se conforma com uma sociedade humana em ruptura com seus semelhantes, os demais seres e com o próprio planeta.

No processo da expansão europeia, milhões de homens originalmente diferenciados em línguas e culturas autônomas, cada qual olhando o mundo com visão própria e regendo a vida por um corpo peculiar de costumes e de valores, foram conscritos em um único sistema econômico e altamente uniformizados em seus modos de ser e de viver. As múltiplas faces do fenômeno humano se empobreceram drasticamente. Não para se integrarem todas num novo padrão mais avançado, mas para perderem a autenticidade de seu modo de vida e mergulharem em formas espúrias de cultura. (RIBEIRO, p.74, 2021)³

De certa forma, para o pensamento ocidental, o próprio humano é um ser a ser podado e domesticado, um tipo de ser para com o qual não se deve pensar em si, mas idealizar o seu ponto de chegada, seu objetivo final a ser alcançado. Observar atentamente a história, mostra que a incompatibilidade de percepções a respeito do humano e da estruturação formativa básica dos povos, forçaram, na relação Portugal e ameríndios, a premissa de destruição de uma das culturas em favor a sobrevivência de outra. Em outras palavras, o que apresentamos aqui é uma inversão de lógicas, que desemboca em uma percepção de mundo onde, o mundo autocentrado europeu, não podendo de modo algum englobar os valores ameríndios em seu humanismo e proto-capitalismo, teve de tomar uma nova missão, organizou-se para erradicar.

Os elementos religiosos, racionais e experienciais das duas condutas formativas se contrapunham em relação aos rumos da humanidade e dos indivíduos, o ocidente se tornava, cada vez mais, obcecado pela economia e os ameríndios mantinham um interesse pela vida e o cosmos⁴. Da completa instabilidade relacional resta o extermínio sistemático da cultura e da

³ Até mesmo as reflexões tidas por Darcy Ribeiro, um dos maiores intelectuais devotados aos estudos das populações indígenas brasileiras, que tem uma relação de interação com os valores humanistas, que advém dessa reflexão ocidental, a crítica dura as formas como esse pensamento se perpetua é clara. Se tratando da temática ameríndia, não se poder fugir de suas reflexões, mas é interessante perceber que o próprio Ribeiro compreende que o modo de pensar ocidental está corrompido, muito embora mantenha uma certa relação com um conceito de humanismo que acredita ser mais capaz de lidar com as complexidades desse tempo.

⁴ Não é possível seguir adiante sem destacar a ferocidade com que foram tratados os nativos das Américas pelos colonizadores europeus imbuídos do modelo humanista de pensamento. O genocídio indígena é fruto de um

existência desses povos ancestrais; o fenômeno cultural ameríndio, é, em sua apresentação no mundo, uma afronta aos valores que fundamentam a cultura portuguesa. Os elementos formativos que os estruturam, representam uma resistência ao humanismo e ao capitalismo predatório desde sua concepção ontológica.

É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. (KRENAK, p. 81-82, 2020)

O conflito entre os ocidentais e os aborígenes mundo afora, não é um conflito puramente econômico, social e político, mas fundamentalmente, um conflito de compreensão do cosmo e da dinâmica cosmológica que lhe possibilita a existência. A incapacidade (programada ou acidental) da formação eurocêntrica, branca e humanística clássica, de lidar com o diferente demonstra isso, uma vez que, o humanismo busca sempre o homogêneo e o igual (Le BRETON, 2017). A destruição das culturas aborígenes, se tornou a forma de prevalectimento da cultura eurocêntrica humanística crescente, uma vez que, suas bases não conseguem dar conta dos conflitos e das problemáticas catastróficas na interação entre homem, comunidade e mundo expressas contemporaneamente.

Com as pesquisas que vem desenvolvidas recentemente e o número crescente de trabalhos junto a temática indígena, torna-se finalmente possível para os pensadores do campo educacional efetuar uma discussão profunda a respeito de seus elementos. Mas, é imprescindível que esse debate não seja apenas uma curiosidade a ser representada em um determinado tempo e espaço. Em outras palavras, como diz Eduardo Viveiros de Castro (2019), é preciso levar a sério essas formas diferentes de produzir conhecimento, levar a sério a filosofia desses povos, finalmente os contrastando com as problemáticas mais profundas e complexas da contemporaneidade. Uma vez que, historicamente as principais posturas adotadas para lidar com os indígenas tem fugido de um debate complexo a respeito da construção de suas

aprisionamento do olhar europeu em si mesmo, sem que haja uma abertura para diálogo com outras culturas e formas de vida. “A avaliação mais baixa dos chamados estudos “clássicos” é de 8 milhões e 400 mil índios e, a mais alta, de 40 a 50 milhões, para toda a América. Se aceitarmos essa última estimativa, verificaremos que, em quatro séculos, a população nativa americana foi reduzida a um oitavo do montante original” (Ribeiro, 2001, p.30). O humanismo no seu gesto idealizador fere tudo aquilo que destoa de seus princípios motores, fazendo isso em virtude de valores universais que são tidos como o ápice do desenvolvimento humano.

identidades e sua memória enquanto povo, além de silenciado os fundamentos filosóficos e teóricos de suas sociedades⁵.

Destaca-se aqui, a necessidade de interagir com os conhecimentos das populações ameríndias trazendo para o debate educacional, social, cultural, histórico filosófico e teórico os elementos que guiam sua forma de vida. As considerações que esses povos produziram em suas culturas estão refletindo e questionando aspectos da realidade que ignoramos ou pouco nos dedicamos a compreender por milênios. Nesse sentido, este trabalho se propõe a por suas formas de prática e reflexão sobre a formação humana frente a frente, Com os elementos humanistas neoliberalistas predominantes no mundo ocidental. Na tentativa de perceber, o que resta desses pensamentos ao se encontrarem em campo de discussão e reflexão filosófica e formativa dessas culturas além educacional

METODOLOGIA

Por se tratar de um projeto cujo trabalho teórico de leitura é o fundamento de sua construção, se necessita de uma abordagem interpretativa que faça jús ao nosso interesse junto ao tema. A partir disso, a lógica de construção metodológica hermenêutica se apresenta como a mais fecunda, visando efetuar uma compreensão profunda dos elementos ameríndios e também humanísticos e neoliberais predominantes no mundo contemporâneo, delimitando seus fundamentos e contrapondo-os filosoficamente.

Propõe-se então uma leitura e análise hermenêutica de nossa bibliografia, uma leitura que visa captar o sentido contextual dos conceitos e conhecimentos, mas que ao mesmo tempo a partir de sua compreensão e entendimento propõe embates, e interações que levem a sério o pensamento ameríndio frente aos elementos ocidentais. Como afirma Emerich Coreth, em seu *Questões fundamentais de hermenêutica*, “Se quisermos compreender a palavra divina, devemos deixar que ela nos atinja, que a palavra da salvação nos fale.” (p.200, 1973). Um gesto de leitura que faz uso do conhecimento e não se submete a ele, que o compreende em seu uso comum, mas que também, a partir disso, o desloca a uma viagem e interação, visando a produção de novos saberes.

⁵ Darcy Ribeiro elenca três tendências de tratamento com as populações ancestrais. Um primeiro elemento é a atitude etnocêntrica, que vai conceber os ameríndios como povos primitivos e que se encontram em um grau de inferioridade em relação aos ocidentais; uma atitude romântica também é comum, que concebe os indígenas como seres a serem conservados em suas características originais e “puras”, uma idealização romântica desses povos estando parados no tempo e figuras a serem estudadas como relíquias antigas; em terceiro lugar há a postura absentéista que olham esses povos como simples humanos a serem ocidentalizados com o tempo, levando a extinção de seu modo de vida. (RIBEIRO, 2019)

Só na reciprocidade de um ajuste de contas dialogal entre a pré-compreensão e o conteúdo sentido que nos vem ao encontro, é que se realiza a compreensão, superando-se a si mesma a pré-compreensão rumo a uma cada vez mais nova e mais profunda compreensão da coisa ou do sentido (CORETH, p.199, 1973).

A hermenêutica, como a própria experiência de viver, nos lembra Coreth, é um horizonte em constante expansão, por tanto, é preciso ir além do imediatismo da mensagem e buscar o aprofundamento constante e incessante que vem de encontro ao pesquisador diariamente. Utilizar esse método, coloca a análise contextual e cosmológica tanto do racionalismo ocidental clássico como da visão ameríndia, passíveis de crítica profunda e diagnósticos que vão além da simples compreensão dos debates, suscitam a própria inovação ao analisar esses elementos de forma complexa.

Vale sempre lembrar que uma pesquisa teórica não é meramente uma leitura exegética de uma determinada bibliografia, a mesma envolve também a capacidade crítica do pesquisador a fim de apontar novos horizontes e questões para leituras já instituídas, e assim contribuindo para “transformar pessoas e instituições com o desenvolvimento do conhecimento” (ESTEBAN, 2010, p.137).

REFERENCIAL TEÓRICO

Não é possível negar, pensando sob os elementos incorporados ao homem moderno e contemporâneo, que, de certa forma, atualmente, praticamente toda a humanidade mantém alguma relação com as idealizações humanistas. Há muito tempo a humanidade tem acoplado a si, aos seus corpos, inúmeras ferramentas e modos de agir que lhes auxiliam nas atividades diárias e reflexões que moldam sua forma de lidar com o mundo, entretanto, o fim da modernidade e a contemporaneidade tem intensificado a interação desses elementos com o processo formativo dos sujeitos.

O movimento humanista percebe o homem como um centro motor de toda a relação com o mundo, e o conhecimento/razão como a sua ferramenta e forma essencial de interpretar e superar as adversidades do mesmo. No centro do humanismo temos o homem e mais especificamente no homem temos a chave de abertura e compreensão do mundo, que se dá através da conhecida experiência do cogito cartesiana. O grande problema dessa visão é a limitação no modo de olhar e conceber a própria existência concreta do homem-no-mundo.



A revolução científica do século XVII, que teria nos retirado de um “mundo fechado” e hierárquico e introduzido ao “universo infinito” e democrático (Koiré, 1962), viu-se ao mesmo tempo racionalista e invertida pelo golpe palaciano que foi a filosofia crítica. A equivocada revolução copernicana de Kant é, como se sabe, a origem oficial da concepção moderna do Homem (guardemos a forma masculina) como poder constituinte, legislador autônomo e soberano da natureza, único ente capaz de elevar-se para além da ordem fenomenal da casualidade que seu próprio entendimento condiciona: o “excepcionalismo humano” é um autêntico *estado de exceção ontológico*, fundado na separação autofundante entre Natureza e História. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, p.43, 2014)

O eu fabricado pelos discursos humanistas se encontra fixado em um ponto de vista único e essencial. Um sujeito fixo responsável pela apreensão e significação de tudo e de todos ao seu redor. O filósofo alemão Peter Sloterdijk é hoje um dos grandes críticos do imaginário humanista, fazendo uma crítica dura do humanismo como uma domesticação.

A tese do ser humano como criador de seres humanos faz explodir o horizonte humano, já que o humanismo não pode nem deve jamais considerar questões que ultrapassem essa domesticação: o humanista assume o homem como dado de antemão e aplica-lhe então seus métodos de domesticação, treinamento e formação – convencionalizado que está das conexões necessárias entre ler, estar sentado e acalmar. (SLOTERDIJK, 2000, p. 39).

O humanismo ao mesmo tempo em que idealiza o *ser* do ser humano, opera por exclusões seletivas de tudo que foge e escapa dessa normalização, daquilo que não se enquadra no seu conceito de humanidade. Não é à toa, que Ailton Krenak (2019), defende que a humanidade construída dentro dos valores ocidentais cria um modelo de humano diferente daquilo que são os povos indígenas e os excluídos dos seus elementos centrais. O problema é que, o humanismo que tomou a formação dos sujeitos guiada por um conjunto idealizado de valores, cria uma forma de enxergar a existência onde os sujeitos estão definindo a si próprios, a todos os seres ao seu redor e ao mundo através da sua humanidade idealizada.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade. (KRENAK, p. 21, 2019)

De fato, uma das metas do humanismo havia sido a promessa de favorecer as melhores influências, através, sobretudo, da alfabetização universal, tornando o ser humano apto a viver de forma racional através do poder dos textos e da própria ciência. Assim, “parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são “animais influenciáveis””, mas para o bom funcionamento social é “imperativo prover-lhe o tipo certo de influências” (SLOTERDIJK, p.17, 2000). Entretanto, essas boas leituras, esses modelos de perfeição, esses

valores idealizados não estão montando um mundo perfeito, muito pelo contrário, estão nos tornando cada vez mais submissos e destrutivos para o planeta e os seres outros ao redor. Ao se deparar com os não ocidentais “O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (KRENAK, p. 27, 2019). Esses povos fora do individualismo ocidentalizado, do consumismo vazio e infinito, da destruição de todos os outros seres vivos ao redor da humanidade em prol de seus interesses particulares, criam uma gama gigantesca de críticas ao modelo de vida ocidental e apresentam um número quase infinito de possibilidades para a edificação das sociedades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto político, científico e social atual se expressa de forma a manter uma cultura de exploração e descaso que intensifica uma mentalidade produtivista voltada de forma unilateral para os aspectos utilitaristas do eu. O humanismo com suas concepções e utopias se provou, apenas ser um movimento que mascara algumas das atrocidades cometidas para com inúmeros seres humanos em nome da própria espécie humana. Todo status humano torna-se passível de um controle profundo, mantendo uma constante apatia nos sujeitos, desqualificando toda e qualquer experiência que fomente um desligamento dos automatismos cotidianos. Dito isso, torna-se uma visão oposta ao mundo indígena, que consegue demonstrar uma forma de viver, que, em meio a uma visão contrária a igualdade e idealização do homem, consegue sobreviver e perpetuar valorizando modos diferentes de vida,

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essas ideias de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos. (KRENAK, p. 31, 2019)

Em um mundo onde os sujeitos, passam a se ver enquanto espécies para as quais suas essências se encontram em sua capacidade racional e idealização coletiva, pode-se perceber uma crescente mentalidade na qual os indivíduos possam lidar e existir em meio a esse movimento, aceitando-o, de forma, cada vez mais normalizada/normatizada. Temendo por esse mundo por vir, Viveiros de Castro e Danowski, fazem convergir em seu livro *Há mundo por vir?* (2014), as reflexões ameríndias (especialmente da América do Sul) com o humanismo e neoliberalismo em suas variadas formas de apresentação contemporâneas. Esses autores instigam de maneira seminal, um debate que ainda caminha de forma acanhada no meio

acadêmico, demonstrando a necessidade de se ampliar e trazer o arcaico e ancestral para dialogar com esse “caminho coisificante da existência ocidental” que se pretende absoluto.

Os indígenas não se guiam a partir de uma dualidade clássica entre os objetos, os animais e as coisas, exibem um olhar para com esses aspectos, que vai além dos marcos ocidentais de exclusão daquilo que não pertence ao universo humano⁶. Como afirma Adolfo Amaya (2013), ao discutir o regime de guerras canibais em diversos grupos étnicos ameríndios sul-americanos, até mesmo nas condições extremas de guerra, escravidão e canibalismo, os ameríndios mantêm um reconhecimento de valor daqueles com os quais interagem. A guerra canibal reconhece no outro o seu valor enquanto inimigo, por isso o torna escravo (de modo muito diferente do modelo ocidental) e por fim o consome; absorvendo-o dentro de sua existência física e espiritual. “Aceitada a metonímia predatória, tratando-se do animal, da máquina ou do soberano, em todos os casos o que ressalta é a força entendida como potência de devorar, de engolir, de tragar o outro, de incorporá-lo dentro de si.” (tradução do própria: AMAYA, 2013, p.267). Todo o processo não coisifica, mas reitera o valor da humanidade daquele sujeito, pois do contrário ele não seria interessante para o consumo.

Para essas populações, tudo existe enquanto um sujeito dotado de potência “O cogito indígena, em vez da fórmula solipsista “penso logo existo”, deve ser articulado em termos animistas como “isso existe, portanto pensa.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 911). Tudo isso reforça a força que tem o pensamento ameríndio de quebrar as dinâmicas humanistas e neoliberais, e a formação humana ocidental, deve olhar atentamente para esses saberes e abrir espaço em seu seio para diminuir seu egocentrismo e aceitar suas falhas, abrir-se para compartilhar outras formas de formar, cuidar e viver no mundo.

A conceitualização formativa dos defensores desses elementos necessita de uma abordagem que redirecione o pensamento humano e retorne a uma reflexão a respeito do que é o humano e não do que deveria ser. Para isso as sociedades arcaicas podem fornecer um mundo de possibilidades, trazendo para o debate, três outros elementos fundamentais de formação, visando se contrapor a essa dinâmica destrutiva.

⁶ Os índios se relacionam com o mundo ao seu redor como parte dele, como se nele vissem semelhantes a serem respeitados e mais do que isso honrados em suas diferenças de perspectivas. Nessa visão, “se o multiculturalismo ocidental é o relativismo como política pública, o xamãismo perspectivista ameríndio é o multiculturalismo como política cósmica.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.121), esse movimento mostra uma forma diferente de formação humana, uma relação com o outro e com o mundo fora do padrão de superioridade humana, fora do olhar que vai ao outro para julgar e excluir dele a sua possibilidade de pertencimento. Os indígenas americanos têm em suas relações com o ambiente um princípio em que o respeito, a aceitação e a relação se destacam como aspectos essenciais na interação com o mundo.

É preciso dar voz aos sujeitos ameríndios e as suas filosofias e saberes cosmológicos, uma vez que, a história estereotipou esses sujeitos de um modo apequenador. Os indígenas que aparecem nos livros didáticos, traçam junto aos sujeitos, uma visão que segue dotada de inúmeros preconceitos e com lacunas gigantescas junto aos elementos fundamentais de edificação, de sua cultura e pensamento. Maria Aparecida Bergamachi demonstra isso com clareza em seu artigo *A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural* (2020):

estudos efetivados por Zamboni e Bergamaschi (2009) em livros didáticos adotados na primeira metade do século XX mostram que as concepções que predominavam nesses manuais, amplamente usados nas escolas brasileiras, estavam marcadas pelas visões da literatura romântica do século XIX, que mostra o indígena idealizado, representado a um só tempo como herói e vítima, fadado ao extermínio. Derivadas dessas concepções, predominavam nos livros didáticos de história narrativas que abordavam os povos indígenas como representantes do passado, só aparecendo como primeiros habitantes do Brasil, concepções responsáveis pela formação de muitas gerações escolares. (2020, p. 56)

Por mais que a legislação tenha estruturado um local de discussão para essas culturas e sua história, a ausência de reflexões a respeito dos seus elementos formadores de subjetividade, seguem deixando esses sujeitos a margem dos debates educacionais contemporâneos. A educação já compreende a necessidade de estabelecer um vínculo com esses povos ancestrais, tendo em vista, as catástrofes que são enfrentadas contemporaneamente, advindas dos exageros humanistas e também da força neoliberal em vigência.

A vida dos indígenas, é uma vida que destoa de todo o espectro ocidental de existência, o que os trabalhos de Eduardo Viveiros de Castro (2019) elucidam de forma antropológica e complexa, visando dar a esses valores culturais e sociais o teor filosófico que merecem frente as formas ocidentais de conhecimento. O conhecido ensaio de Viveiros de Castro, *O medo dos Outros*, publicado originalmente em 2011, apresenta entre muitos pontos de destaque, o grande medo dos indígenas, e o que temem essas existências tão frágeis e ao mesmo tempo tão poderosas. Esses povos temem, segundo o antropólogo, os jaguares, os xamãs, os brancos e os espíritos, seres que na visão indígena, são dotados de uma radical alteridade, que guiam um desejo radical de alcançar um puro eu (VIVEIROS DE CASTRO, 2019).

O perspectivismo ameríndio abre para a humanidade ocidental a possibilidade de se reconciliar com o mundo, com o outro e consigo mesma. Saindo de um espectro de interações reificadoras dos sujeitos e de toda uma cosmologia ao seu redor e passando a lidar com uma multiplicidade de fontes de conhecimento, vida e relações com o mundo a serem respeitadas e valorizadas.

Trata-se de aprender a compreender o que o outro tem a nos ensinar dentro de suas características próprias. Educar os sujeitos para um abrir-se a experiência da vida, aptos a receber e aceitar o novo e o mundo em suas especificidades. O signo do pensamento ameríndio, auxiliando a concepção educacional contemporânea, pode se tornar um signo propagador de uma formação humana pautada no respeito e interação com o outro, que recebe o novo aberto e desejando a aprender junto ao mesmo. Tornando o mundo um espaço de coabitação dos diferentes corpos que devem ser respeitados em suas variadas formas de experienciar a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de hoje que, alguns intelectuais chamam a atenção para a necessidade de ouvir as populações a margem da sociedade e com elas construir um novo panorama formativo e organizacional da sociedade. Paulo Freire e sua educação popular foram grandes vitórias para essa discussão, buscando sair de um desejo dominador de falar pelas massas populares e organizar uma construção teórica e metodológica que busque a introdução dos saberes dessas populações na produção de conhecimento, fugir do desejo do oprimido de se tornar opressor (FREIRE. 1974).

O conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular e ele vai facilitar os programas de atuar que tu dizias; mas esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática. Esse percurso, ele é imediato, o conhecimento “se dá” à reflexão através dos corpos humanos que estão resistindo e lutando estão (portanto) aprendendo e tendo esperança. (FREIRE; NOGUEIRA, p. 25, 1993)

A proposta de pesquisa aqui apresentada, pretende ouvir estes corpos, essas vidas, fazer falar as suas vozes dentro da educação ocidental que por séculos os excluiu dos debates formativos e filosóficos da área, por isso mesmo, paga um preço. Agora torna-se possível dar visibilidade, ouvir a contraposição de ideias entre ocidente e não ocidentais para trazer os elementos que dão fundamento a formação ameríndia, e a partir disso, finalmente se possa levar a sério as suas contraposições aos fundamentos formativos ocidentais, outrora silenciadas com violência e morte.

Nesse sentido, os elementos formativos ameríndios serão defendidos como contrapontos efetivos a serem discutidos como representantes de uma resistência aos descontroles neoliberais, coisificantes e eurocêntricos. Esses princípios da formação indígena se tornam chaves para uma organização mais harmoniosa da relação entre sujeito, sociedade e mundo. Uma forma que, outrora as reflexões e as ações humanistas eurocentradas descartaram do

campo de reflexão e produção de saberes O modo de vida ameríndio parece ter ignorado as idealizações ocidentais e promovem uma abertura ao novo e ao que pode se desenvolver na humanidade a partir de uma interação constante com o mundo, sem se colocar acima do mesmo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Tempo e História: Crítica do instante e do contínuo.** In. *Infância e História: destruição da Experiencia e origem da história.* Editora UFMG, Belo Horizonte 2008.

AMAYA, Adolfo. El régimen antropofágico o de guerra ritual. In. **Uma perspectiva ameríndia de la guerra, lo sagrado y la colonialidad.** Conocimiento. Madrid, 2013.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. **A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA:** ensaios de educação intercultural. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/bergamaschi-gomes.pdf> Acesso: 19/10/2020

CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica.* Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1973.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro (Florianópolis), Cultura e Barbárie, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** Teoria e pratica em educação popular. São Paulo. Vozes, 1993.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK. Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana:** Danças, piruetas e mascaradas. 6º ed., rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LE BRETON, David. **Adeus Corpo:** antropologia e sociedade. 5ª reimp. São Paulo: Papyrus, 2017.

PESSINI, Leo. **Bioética, Humanismo e Pós-Humanismo no século XXI: Em busca de um novo Ser Humano?** Disponível em: <http://www.camilliani.org/wp-content/uploads/2018/11/testo-br.pdf> Acesso em: 26/03/2019.

POTILLA, Miguel León-. **A conquista da américa latina vista pelos índios: Relatos astecas, Maias e Incas.**3º ed. Vozes. Petrópolis, 1987.

RIBEIRO, Berta. **O índio da História do Brasil.** São Paulo: Global, 2011.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno. 1ª reim. Global Editora, São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **As américas e a Civilização: Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos.** 7ª ed. Global editora, São Paulo, 2021.

SANTANA, Filipe Kamargo de. **O QUE PODE UMA EDUCAÇÃO SEM USO?** o pensamento pós-humanista e a profanação em Giorgio Agamben. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SHELESENER, Anita. Observações sobre o projeto geopolítico mundial de concentração do capital e seus desdobramentos na educação. *In.* REBUÁ, Eduardo; COSTA, Reginaldo; GOMES, Rodrigo Lima R. ; CHABALGOITY, Diego (ORGs). Rio de Janeiro, Módulo, 2020. **(Neo) fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil.**

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo, Cortez, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano** – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais.** São Paulo, Ubu editora, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O medo dos outros. *In.* **Revista de Antropologia USP.** Vol. 54 N. 2 São Paulo Ago/Set 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39650> Acesso em: 22/08/2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a05.pdf> Acesso: 12/12/2016.